

# O brincar entre habitações verticalizadas de interesse social: uma pesquisa qualitativa em Belo Horizonte, Brasil

*O jugar entre viviendas verticales de interés social: una investigación cualitativa en Belo Horizonte, Brasil*

**Sessão Temática: ST03. Políticas Públicas, Habitação e Cidade**

BRONDI, Guilherme; estudante e bolsista de iniciação científica; Universidade Federal de Minas Gerais

guibrondi158@gmail.com

PACHECO, Adriane; estudante e bolsista de extensão; Universidade Federal de Minas Gerais

adrianepacheco12@gmail.com

BARROS, Paula; professora adjunta; Universidade Federal de Minas Gerais

paula-barros@ufmg.br

RUAS, Desirée; mestrande NPGAU; Universidade Federal de Minas Gerais

desireeruas@yahoo.com.br

## Resumo

A produção de habitações verticalizadas de interesse social tornou-se uma solução comum no Brasil para lidar com o déficit habitacional. Por outro lado, há uma carência de estudos que buscam aprofundar a nossa compreensão de como estes complexos edifícios verticalizados impactam no bem-estar das crianças. Este trabalho objetiva compreender como as crianças entre seis e doze anos incompletos vivenciam as habitações verticalizadas de interesse social produzidas no âmbito do Programa Vila Viva para as famílias da favela do Morro do Papagaio, na cidade de Belo Horizonte, Brasil. Para tal, fez-se uso da observação participante e da foto-elicitación. Os resultados indicam que a qualidade dos espaços abertos conformados pela habitações verticalizadas impactam na frequência e na qualidade do brincar ao ar livre e, por conseguinte, no bem-estar infantil.

**Palavras-chave:** crianças, habitação verticalizada de interesse social, percepção ambiental.

## Abstract

*The production of low-income high-rise housing complexes has become an usual solution in Brazil to deal with the situation of housing deficit. However, there is a lack of studies that seek to deepen our understanding of how these complex vertical buildings impact children's well-being. This work aims to understand how children between six and twelve years old experience high-rise low cost residential buildings produced as part of the Programa Vila Viva for the families of the favela Morro do Papagaio in the city of Belo Horizonte, Brazil. To this end, participant observation and photo-elicitation were used. The results indicate that the quality of open spaces formed by the high-rise residential buildings impacts the frequency and quality of outdoor play and, therefore, children's well-being.*

**Key-words:** *Children; High-rise housing; People-environment research*

## 1. Introdução

Viver nas cidades foi uma importante mudança demográfica ocorrida no mundo nos últimos dois séculos. No Brasil, a proporção da população que reside em cidades passou de 31% em 1940 (IBGE, 2001) para 84% em 2010 (IBGE, 2010). De acordo com as Nações Unidas, um bilhão de novas casas serão necessárias em todo o mundo até 2025, e uma média de 30% da população urbana de países de renda baixa e média experimenta condições inadequadas de moradia (DÉFICIT, 2018). No Brasil, o déficit habitacional estimado em 2015 corresponde a 6,35 milhões de domicílios, dos quais 87,7% estão localizados nas áreas urbanas. Minas Gerais é o segundo estado com maior déficit, tendo registrado em 2015 um déficit estimado de 575 mil unidades (DÉFICIT, 2018).

Para lidar com o déficit habitacional nacional, a produção de habitações verticalizadas de interesse social (HVIS) tornou-se, na última década, uma solução comum no Brasil (KOWALTOWSKI *et al.*, 2019). A provisão de HVIS tem se pautado na reprodução de modelos arquitetônicos e, por consequência, de espaços urbanos semelhantes em todo território nacional (KOWALTOWSKI *et al.*, 2019). Não obstante, resultados de Avaliações de Pós-Ocupação mostram que a maioria das HVIS entregues atende minimamente às necessidades dos moradores (KOWALTOWSKI *et al.*, 2019).

A discussão da questão habitacional deve ir além do déficit habitacional *stricto sensu* já que a habitação e outras questões urbanas são interdependentes. A habitação vem sendo associada à saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde a sua fundação em 1948 (HOWDEN-CHAPMAN; ROEBBEL; CHISHOLM, 2017). Saúde, segundo a OMS, é mais do que a ausência de uma enfermidade ou doença, mas corresponde a uma

situação de bem-estar físico, mental e social (WHO, 2014). A revisão sistemática da literatura verificou que viver em habitações verticalizadas (HVs) é comparativamente pior para a saúde dos moradores, principalmente crianças e mulheres, do que morar em outros tipos edifícios (BARROS *et al.*, 2019).

A partir da perspectiva sócio-ecológica, a promoção da saúde requer uma compreensão aprofundada das inter-relações entre as características ambientais de uma área e os hábitos e estilos de vida dos seus ocupantes (STOKOLS, 1992). Os aspectos físico-espaciais dos ambientes construídos, ao facilitarem (ou inibirem) o brincar, impactam significativamente no desenvolvimento e na saúde infantil (BUTTAZZONI *et al.*, 2022; MOURATIDIS, 2021). Por meio do brincar, a criança elabora sentimentos, desenvolve habilidades, aprende sobre processos colaborativos, exercita sua criatividade, alcançando benefícios físicos, emocionais, mentais, sociais e cognitivos essenciais para toda a vida (YOGMAN, 2018). Sendo assim, as soluções arquitetônicas e paisagísticas têm um papel fundamental na promoção do brincar e, por consequência, no pleno desenvolvimento e bem-estar da criança (ERNST; BURCAK, 2019; TONUCCI, 2020).

A diminuição, nas últimas décadas, da liberdade concedida às crianças para interagirem, explorarem e brincarem nos seus arredores residenciais sem a supervisão de um adulto tem preocupado pesquisadores de diferentes campos do conhecimento (AGGIO *et al.*, 2017; GÜNTHER, 2003; KRISHNAMURTHY, 2019; YOGMAN, 2018). O gradual enclausuramento das crianças nas suas casas, escolas ou em locais especificamente projetados para o brincar, como playgrounds, tem sido atribuído a vários fatores, incluindo aspectos físico-espaciais, questões legais, o contexto social, práticas parentais e a multiplicação de habitações verticalizadas (LIMA, 1989; LUO, 2022; MODI, 2018; SABBAG; KUHNEN; VIEIRA, 2015).

A habitação verticalizada inibe o brincar de forma mais autônoma principalmente por dificultar a vigilância passiva (MODI, 2018). Este e outros problemas associados às habitações residenciais verticalizadas justificam uma postura mais prospectiva e colaborativa entre os profissionais (arquitetos, arquitetos paisagistas, planejadores urbanos), gestores públicos, acadêmicos, construtoras, comunidade e, principalmente, as crianças.

Apesar da participação das crianças em assuntos que lhes dizem respeito ser um direito consagrado na Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), meninas e meninos (ainda) não são reconhecidos enquanto cidadãos críticos e capazes de contribuir com processos de planejamento urbano, projeto e gestão dos ambientes urbanos.

Diante desse cenário, este trabalho objetiva explorar como as crianças que habitam as HVIS produzidas no âmbito do Programa Vila Viva em Belo Horizonte, Brasil, compreendem e vivenciam os espaços abertos conformados por estes tipos edifícios.

## 2. Marco conceitual

Com o intenso fluxo de carros, altos índices de poluição atmosférica, sonora, ondas de calor e risco de acidentes, muitas ruas deixaram de funcionar como lugares de brincar e se tornaram meros canais de circulação nos grandes centros. A retomada das ruas e de outros espaços livres de edificações enquanto locus do brincar, portanto, é um grande desafio na contemporaneidade. Esta seção revê parte do conhecimento acumulado até o momento sobre como as soluções projetuais de complexos verticalizados podem facilitar ou dificultar o brincar e, assim, contribuir para o pleno desenvolvimento infantil .

Prever bancos ao longo do meio-fio de largas calçadas facilita o brincar ao criar uma barreira de proteção e facilitar a permanência dos cuidadores (CASTRO; FILHO, 2020). Configurações caracterizadas por fachadas permeáveis e faixas lindeiras às fachadas personalizadas pelos moradores, ao evocarem um senso de cuidado e segurança, facilitam o brincar de forma mais livre (DANENBERG; STIPO, 2019).

Espaços pontuados com árvores e arbustos de diferentes espécies e cores impactam positivamente no bem-estar físico, emocional, social e cognitivo das crianças (LOUV, 2005). Ruas, praças, parques e outros espaços livres devem ser concebidos levando em conta que as crianças valorizam os seus aspectos multissensoriais: sons, temperaturas, cheiros, texturas e cores (LENNARD; LENNARD, 1992).

Playgrounds, quando funcionam tanto como pontos de encontro quanto espaços desafiantes e seguros para crianças de diferentes faixas etárias se divertirem, são compreendidos como elementos fundamentais em complexos habitacionais (WHITZMAN; MIZRACHI, 2012). Espaços verdes – caracterizados com árvores, areia, lama, grama e outros elementos naturais – exercem funções semelhantes aos playgrounds ao oportunizarem experimentações, descobertas, socialização e atividades físicas vigorosas, todas essenciais para o pleno desenvolvimento infantil (LENNARD; LENNARD, 1992).

A solução arquitetônica do pavimento térreo é de fundamental importância na promoção do brincar. O uso de cores, texturas e vidros espelhados no térreo, por exemplo, facilita o brincar ao atrair a atenção das crianças, promover a vigilância passiva, além de um senso de controle e privacidade (DANENBERG; STIPO, 2019; KOWALTOWSKI *et al.*, 2006).

A revisão da literatura aponta para a importância dos espaços (privados, semi-públicos e públicos) polivalentes na criação de suportes para as mais variadas apropriações por diferentes grupos sociais, incluindo-se as crianças. Polivalência diz respeito à capacidade de um espaço ser apropriado de diferentes maneiras por diferentes pessoas em diferentes horários sem alterações na sua estrutura espacial (HERTZBERGER, 1999).

### 3. Método

O presente trabalho compõe uma pesquisa mais ampla que busca avaliar como crianças entre seis e doze anos (incompletos) vivenciam as habitações verticalizadas de interesse social. Aqui, objetivamos explorar como as crianças que habitam as HVIS produzidas no âmbito do Programa Vila Viva no Morro do Papagaio em Belo Horizonte, Brasil, percebem e vivenciam os espaços abertos conformados por estes tipos edifícios. Para tal, fizemos uso da observação não estruturada, com sessões realizadas nos dias 08 e 14 de julho de 2022, no período de 15 horas e 30 minutos às 18 horas, bem como pela aplicação do método da foto-elicitação com crianças moradoras destes complexos.

A foto-elicitação envolveu duas etapas: (i) o registro fotográfico pelas crianças dos locais onde estão habituadas a brincar nos seus arredores residenciais e (ii) entrevistas online com as crianças para discorrerem sobre os lugares fotografados. A foto-elicitação, até o momento, contou com a participação de quatro crianças com seis e oito anos, sendo três do sexo masculino e uma do sexo feminino. Em todo o processo a identidade das crianças foi preservada, portanto essas serão identificadas por códigos também neste trabalho. As atividades de campo só tiveram início após assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e dos Termos de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) por um dos pais (ou responsáveis legais) e crianças, respectivamente, como determinado pelo Comitê de Ética.

#### 3.1 O contexto

O Morro do Papagaio, oficialmente denominado Aglomerado Barragem Santa Lúcia, localiza-se na regional Centro-Sul de Belo Horizonte (Figura 1). Esta importante favela, uma das maiores da capital, tem um Índice de Qualidade de Vida Urbana baixo, igual a 0,553 (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2018a), e um Índice de Vulnerabilidade Juvenil alto, igual a 58 (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2018b).

**Figura 1:** Localização do Morro do Papagaio em Belo Horizonte.



Fonte: Elaborada pelos autores por meio de dados disponibilizados na URBEL (2002) e plataforma BH Map<sup>1</sup>.

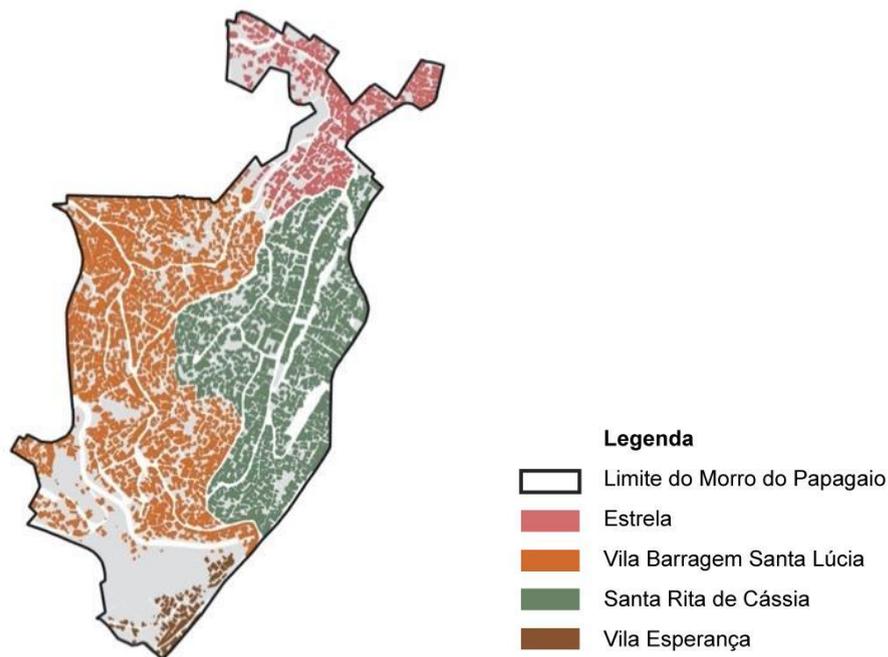
O Morro compreende as vilas Barragem Santa Lúcia, Vila Estrela, Vila Santa Rita de Cássia e Vila Esperança (Figura 2). Cercado por bairros de classe média alta, como o Santa Lúcia, o Morro possui mais de 15 mil habitantes (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2021) e está a aproximadamente 3 km da Área Central.

O Programa Vila Viva – Intervenção Estrutural em Assentamentos Precários – teve início em 2005 e é coordenado pela Cia. Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte (URBEL), atuando nos eixos urbanístico, social e jurídico.

O Programa Vila Viva enquanto intervenção estrutural é uma ação integrada de urbanização, desenvolvimento social e de regularização dos assentamentos precários possibilitando, aos gestores públicos e à comunidade, o reforço e a consolidação de uma política de inclusão social. (AFONSO; MAGALHÃES, 2014, p. 36).

<sup>1</sup> Disponível em:  
<http://bhmap.pbh.gov.br/v2/mapa/idebhgeo#zoom=4&lat=7796893.0925&lon=609250.9075&baselayer=base>  
Acesso em jun. 2022.

**Figura 2:** Vilas que compõem o Aglomerado Barragem Santa Lúcia.



Fonte: Elaborada pelos autores por meio de dados disponibilizados na URBEL (2002).

O Plano Global Específico do Aglomerado Barragem Santa Lúcia, que descreve importantes atributos físicos, sociais, geológicos, hidrológicos e urbanísticos da área, subsidiou as intervenções propostas no Morro. A URBEL calculou a remoção e reassentamento de cerca de 1.100 famílias em toda a área de atuação (MOURA, 2013). Dentre as intervenções previstas estão o alargamento de vias, requalificação de ruas e becos e construção de 587 apartamentos e áreas de lazer (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017).

Apesar de apresentar alguns avanços em relação a outros programas, diferentes aspectos do Programa Vila Viva vêm sendo criticados (MELO, 2011). Do ponto de vista arquitetônico, o Programa tem incluído a reprodução de prédios multifamiliares com 4 ou 5 pavimentos, sem elevador e com unidades habitacionais definidas com área mínima. A padronização generalizada das soluções projetuais, resultando na falha dos edifícios em responder à diversidade social, e a impossibilidade de adaptação das moradias ao longo do tempo para responder às novas necessidades, em função do sistema construtivo adotado, têm sido recorrentemente debatidos (MELO, 2011). A participação insuficiente é notada especialmente quando se observa que a perspectiva da criança é desconsiderada, assim como na maioria dos programas habitacionais do Brasil (MELO, 2011). A exclusão da criança nos processos de planejamento, projeto, gestão e apropriação autônoma destas habitações nega o seu protagonismo e capacidade de mudar os seus ambientes.

As HVIS analisadas foram implantadas nas bordas do bairro Santa Lúcia (área fora do Morro do Papagaio) e ao longo da Via do Bicão, via coletora projetada para funcionar como eixo de ligação entre essas áreas (Figura 3). O Parque do Bicão, área verde caracterizada por grandes declividades, separa estas intervenções. Os conjuntos edilícios em processo de construção não compuseram esta análise.

**Figura 3:** Localização das HVIS do PVV analisadas neste estudo.



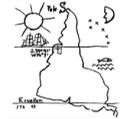
- 1 HVIS Localizadas no bairro Santa Lúcia, visitadas no dia 8 de julho de 2022.
- 2 HVIS localizadas ao longo da Via do Bicão, visitadas no dia 14 de julho de 2022.
- 3 HVIS ainda em construção, não compuseram a análise.

Fonte: Elaborada pelos autores por meio de dados disponibilizados na plataforma Google Earth<sup>2</sup>.

#### 4. Resultados e discussão

As soluções arquitetônicas e paisagísticas dos complexos verticalizados residenciais impactam no pleno desenvolvimento infantil ao facilitarem (ou dificultarem) o brincar ao ar livre (ERNST; BURCAK, 2019; TONUCCI, 2020). Durante as sessões de observação

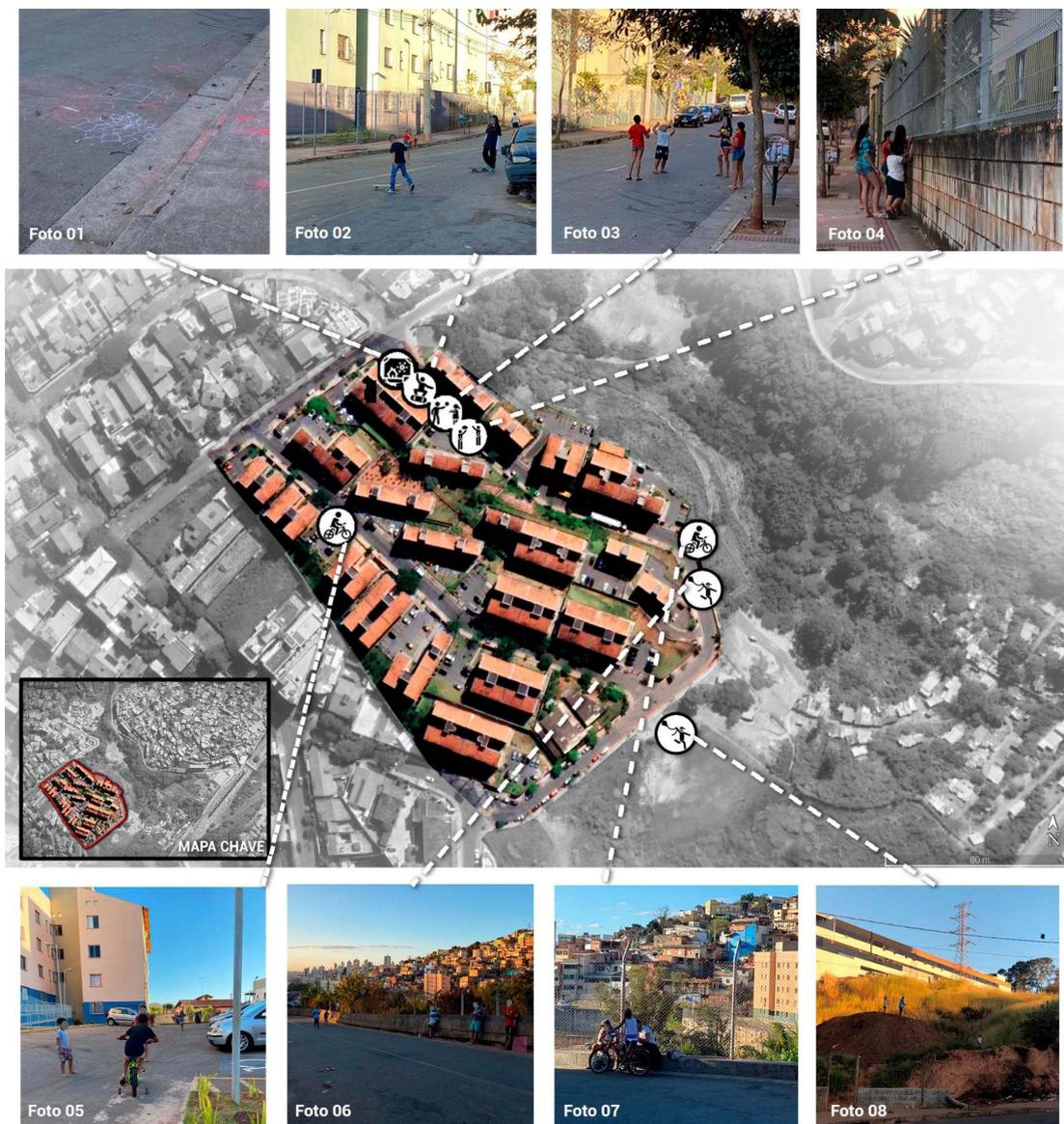
<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>  
Acesso em jul. 2022.



verificou-se que boa parte das soluções projetuais adotadas não estão em consonância com a literatura sobre o tema (DANENBERG; STIPO, 2019; KOWALTOWSKI *et al.*, 2006; LENNARD; LENNARD, 1992). De um modo geral, as calçadas são estreitas e conformadas por planos opacos. As fachadas não facilitam a intervisibilidade e exploram de forma insatisfatória o uso de diferentes texturas e cores. Os espaços verdes se configuram como espaços residuais. A posição proeminente dos estacionamentos em vários lotes sugere que a concepção dos espaços livres das edificações deu preferência às demandas veiculares em detrimento às das crianças e demais moradores. A não construção das áreas de lazer previstas nos projetos das habitações (URBEL, 2002) corroboram com esta inferência (Figura 5).

O Mapa Comportamental 1 (Figura 5) mostra que o complexo em estudo e seus espaços livres acomodam diferentes apropriações e que alguns espaços atraem e retém mais crianças do que outros.

Figura 5: Mapa Comportamental 1 HVIS.



Fonte: Elaborada pelos autores por meio de dados disponibilizados na plataforma Google Earth<sup>3</sup>.

Durante as sessões de observação, foram registradas crianças brincando nos estacionamentos (Figura 5). O depoimento das crianças mostrou que muitas não possuem autorização para se apropriarem de espaços externos ao prédio sem o acompanhamento de um responsável. Dessa forma, restringindo-se a espaços coletivos internos, como

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>  
Acesso em jul. 2022.

estacionamentos, acabam também condicionadas à constante sensação de insegurança em relação à possibilidade de acidentes. Os relatos sugerem que o brincar nos estacionamentos fica restrito aos horários com menor fluxo de carros no local. Tal fato aparece em depoimentos como da criança SOMISO (8 anos) que relata: “Eu mudaria [...] esses lugares de carro, porque esses lugares de carro a gente vai andar de bicicleta e eles ficam incomodando”. DAANDA e ARISAR também relatam o quanto o brincar nos estacionamentos é conflituoso.

“[...] Eu arredava a garagem um pouco mais longe [...], pra ter mais espaço, tipo pra eu correr, andar de skate, de patinete. [...] Não pode brincar lá porque vai que a gente não vê um carro e vai que algum carro atropela a gente”. (DAANDA, 6 anos).

“Eu posso correr e brincar. Todo dia não. Quando tem muito carro não pode ir pra lá, [...] porque é mais perigoso, [...] se o carro estiver saindo e a gente tiver atrás do carro a gente pode ser atropelado.” (ARISAR, 6 anos).

Três crianças afirmaram gostar de andar de bicicleta nos estacionamentos. Durante as sessões de observação nenhuma área destinada a bicicletários foi registrada, ao passo que uma grande quantidade de bicicletas infantis foi vista nas varandas dos apartamentos ou nos cantos dos estacionamentos. Esta observação confirma que as soluções projetuais priorizaram as necessidades dos veículos automotores (Figura 6).

**Figura 6:** A presença de bicicletas como vestígios de atividades de apropriação infantil.

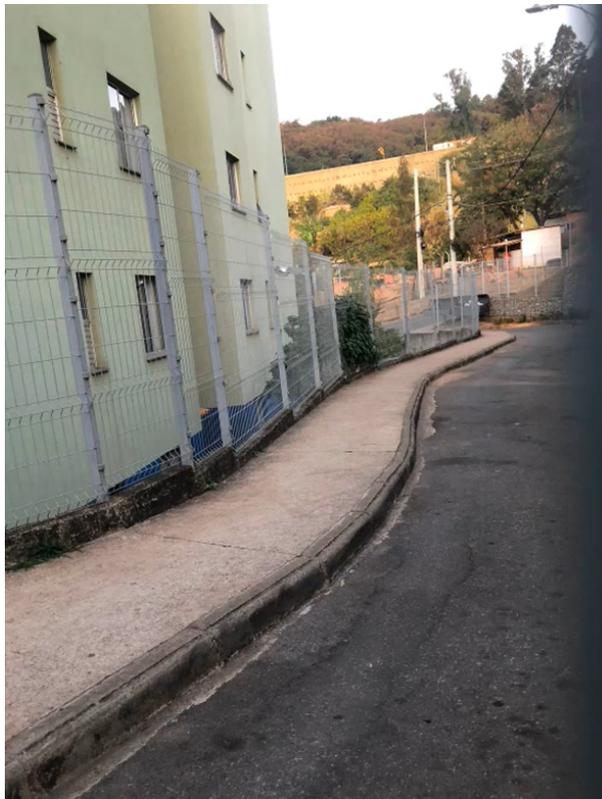


Fonte: Fotos registradas pelos autores (2022).

A utilização de algumas ruas e certas áreas públicas enquanto local do brincar, das descobertas e do encontro foi percebida e registrada durante as sessões de observação (Figura 5). Todavia, segundo os depoimentos das crianças, a utilização destas áreas livres de edificação para brincar é condicionada pela possibilidade de vigilância passiva ou presença de um adulto:

“Essa tem mais espaço pra mim andar de bicicleta e dá pra eu e minhas colegas brincar de pega pega aí também, porque aí é muito espaçoso. Aí dá pras colegas da minha mãe fazer churrasco ai perto[...]. Ai dá pra eu e minhas coleguinhas brincar aí [...], porque nossas mãe tá lá e deixa a gente brincar. [...] A minha mãe fica aí sentada.” (SOMISO, 8 anos).

**Figura 7:** Foto de um lugar de brincadeira, retirada por SOMISO.



Fonte: Foto registrada por SOMISO, participante da foto-elicitação (2022)

O mapa comportamental mostra uma apropriação mais diversificada nas ruas mais planas do complexo, bem como interações sociais entre crianças foram observadas nas fachadas térreas com algum grau de permeabilidade. Este padrão comportamental confirma a importância da inter-visibilidade na promoção da socialização. A criança ARISAR (6 anos), por exemplo, relata gostar das grades da garagem “porque dá pra ver o lado de fora, tem como ver os carros, ver uma casa, a árvore”.

Apesar dos espaços verdes promoverem o bem-estar físico, emocional, social e cognitivo das crianças (LOUV, 2005), nos complexos de HVIS em estudo, as áreas verdes que caracterizam esses lotes configuram-se como espaços residuais e não como espaços provedores de possibilidades de usos e permanência. Não foram observadas crianças brincando nesses espaços, possivelmente em função das inclinações acentuadas presentes em muitas dessas áreas, o que é potencializado também pela relação hostil e desintegrada que estabelecem com as edificações e as ruas (Figura 8).

**Figura 8** - Relação entre espaços verdes residuais, entorno residencial e a escala infantil.



Fonte: Foto registrada pelos autores (2022).

No segundo dia de observações constatou-se outros tipos de relações de apropriação e percepções infantis atreladas ao contexto habitacional que compreende a existência de espaços de lazer margeados por áreas com significativo fluxo de veículos automotores (Figura 9).

**Figura 9:** Mapa Comportamental 2 HVIS.

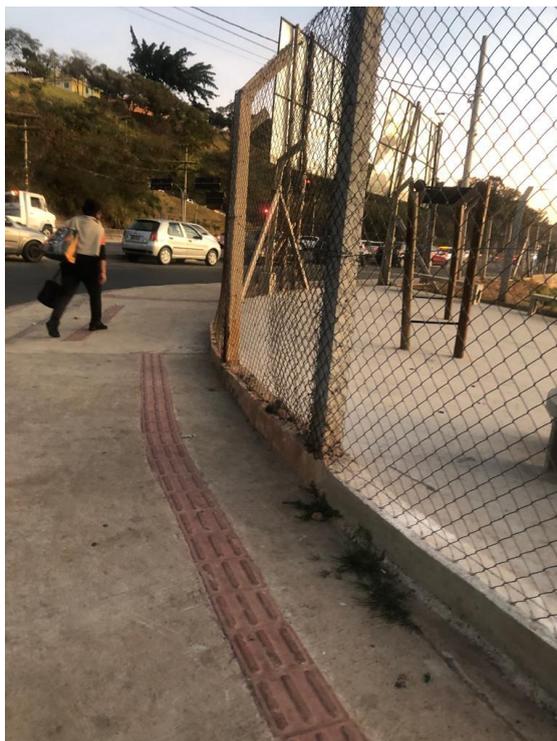


Fonte: Elaborada pelos autores por meio de dados disponibilizados na plataforma Google Earth<sup>4</sup>.

Crianças que moram no bloco mais integrado ao Morro, entre a Via do Bicão e a Rua Principal, ambas vias coletoras importantes da região, demonstraram ter certa autonomia para brincar nos espaços externos das HVIS, como na praça existente em frente aos prédios (Foto 11, Figura 9). “Esse lugar é o meu preferido, não tem gente passando direito, pra mim é uma pista de corrida. [...] Eu ando de bicicleta em alta velocidade e às vezes eu fico fazendo manobra [...]” (GALUGA, 6 anos). GALUGA afirma que a proximidade da residência com equipamentos é um dos seus pontos positivos: “ Tem tudo do outro lado da rua, [...] sorveteria, pet shop, burger king, loja de pets, padaria, minha escola”.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>  
Acesso em jul. 2022.

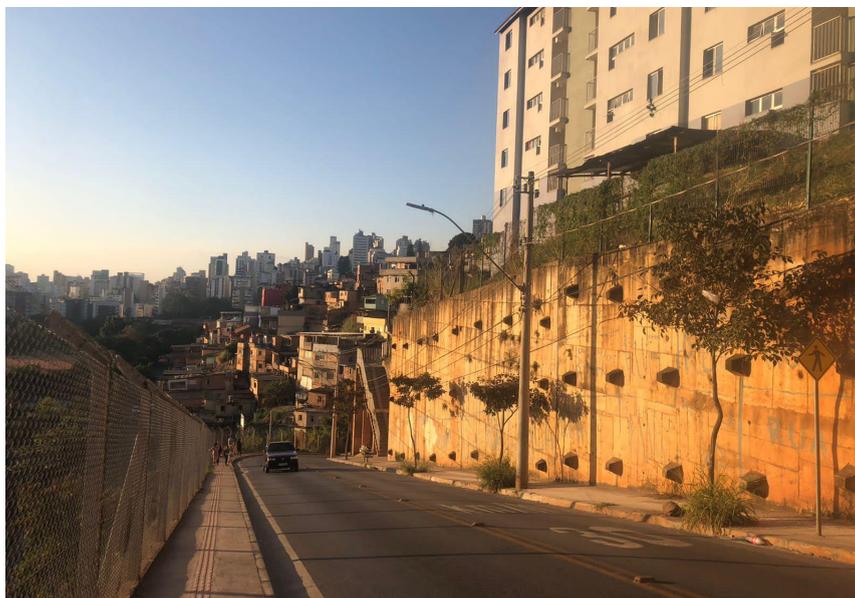
**Figura 10:** Foto da praça próxima à Avenida Nossa Senhora do Carmo, retirada por GALUGA como seu “lugar preferido para brincar”.



Fonte: Foto registrada por GALUGA, participante da Foto-elicitación (2022).

O mapa comportamental mostra que as vias íngremes, apesar do significativo fluxo de veículos automotores, calçadas estreitas, e fachadas opacas, como a Via do Bicão, tendem a ser utilizadas como espaços de passagem pelas crianças (Figura 11).

**Figura 11:** Relação paisagística entre a Via do Bicão e as HVIS.



Fonte: Foto registrada pelos autores (2022).

## 5. Considerações finais

Os resultados desta pesquisa, ainda que preliminares, indicam que a qualidade projetual dos complexos habitacionais verticalizados de interesse social, uso do solo e aspectos parentais influenciam tanto na frequência quanto na qualidade das brincadeiras ao ar livre. Através deste estudo, observamos que espaços relativamente hostis ao brincar são criativamente ocupados por algumas crianças, reforçando o papel ativo deste grupo na construção de cidades. Que este trabalho motive investigações que ampliem a nossa compreensão de como a qualidade projetual das habitações verticalizadas de interesse social impacta no bem-estar de crianças que vivem em apartamentos localizados nas áreas mais vulneráveis das cidades.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, PROEX e FAPEMIG. Agradecemos às crianças (e seus familiares) que se prontificaram a realizar esta pesquisa conosco.

## Referências:

AFONSO, A. S.; MAGALHÃES, M. C. F. Programa Vila Viva: intervenção estrutural em assentamentos precários. **Revista UH**, v. 1, n.1, p. 31-36, 2014.

AGGIO, D. *et al.* Correlates of children's independent outdoor play: Cross-sectional analyses from the Millennium Cohort Study. **Preventive medicine reports**, v. 8, p. 10-14, 2017.

BARROS, Paula; NG FAT, Linda; GARCIA, Leandro M.T.; *et al.* Social consequences and mental health outcomes of living in high-rise residential buildings and the influence of planning, urban design and architectural decisions: A systematic review. **Cities**, v. 93, p. 263–272, 2019.

BUTTAZZONI A, DOHERTY S, MINAKER L. How Do Urban Environments Affect Young People's Mental Health? A Novel Conceptual Framework to Bridge Public Health, Planning, and Neurourbanism. **Public Health Reports**. v. 137, n. 1, p. 48-61, 2022.

CASTRO, Danielle Maranhão de; FARIAS FILHO, José Almir. A esquina na perspectiva da mobilidade ativa: uma análise da cidade de Fortaleza. **Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo**, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2117/336482>>. Acesso em: 2 jul. 2022.

DANENBERG, Rosa; STIPO (ROTTERDAM). **For kids**. Rotterdam: STIPO, Team for urban strategy and city development, 2019.

DÉFICIT habitacional no Brasil 2015. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro – FJP, **Diretoria de Estatística e Informações**. 2018 Disponível em: <<http://fjp.mg.gov.br/index.php/serie-estatistica-informacoes>>. Acesso em: aug. 2019.

ERNST, J.; BURCAK, F. Young Children's Contributions to Sustainability: The Influence of Nature Play on Curiosity, Executive Function Skills, Creative Thinking, and Resilience. **Sustainability** 2019, V. 11, 4212.

GÜNTHER, Hartmut. Mobilidade e affordance como cerne dos Estudos Pessoa-Ambiente. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 273–280, 2003.

HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOWDEN-CHAPMAN, P., ROEBBEL, N.; CHISHOLM, E. Setting housing standards to improve global health. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v.14, p.15-42, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tendências demográficas: uma análise dos resultados da sinopse preliminar do censo demográfico 2001**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Vou te contar: a revista do censo.** 2010. Disponível em: <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/download/revista/vtc14\\_web.pdf](http://www.censo2010.ibge.gov.br/download/revista/vtc14_web.pdf)>. Acesso em: aug. 2019.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K., *et al.* Quality of life and sustainability issues as seen by the population of low-income housing in the region of Campinas, Brazil. **Habitat International**, v.30, p.1100–1114, 2006.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. *et al.* A critical analysis of research of a mass-housing programme. **Building Research & Information**, v. 47, n. 6, p. 716–733, 2019.

KRISHNAMURTHY, S. Reclaiming spaces: child inclusive urban design, **Cities & Health**. v. 3, p.1-2, p. 86-98, 2019.

LENNARD, H. L.; LENNARD, S. H. C. Children in public places: Some lessons from European cities. **Children's Environments**, v.9, n.2, p. 37-47, 1992.

LIMA, M. S. **A Cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

LOUV, R. **A última criança na natureza**: Resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LUO, X. Protecting and Scaffolding: How Parents Facilitate Children's Activities in Public Space in Urban China. **ECNU Review of Education**. v.5, n. 2, p. 242–57, 2022.

MELO, I. D. O. Vila Viva: desentendimentos. **PISEAGRAMA**. n. 4, p. 14 - 16, 2011.

MODI, S. An analysis of high-rise living in terms of provision of appropriate social spaces for children. **Journal of Urban Design and Mental Health**, v.5, n.2, 2018

MOURA, P. F. **Urbanização de vilas e favelas e preservação de referências culturais: convergências possíveis?** 2013. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MOURATIDIS, K. Urban planning and quality of life: A review of pathways linking the built environment to subjective well-being. **Cities**. v. 115, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. 1989. Disponível em: <https://www.unric.org/html/portuguese/humanrights/Crianca.pdf> Acesso em: 20 fev. 2019.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU-BH)**. 2018a. Disponível em:

<https://prefeitura.pbh.gov.br/estatisticas-e-indicadores/indice-de-qualidade-de-vida-urbana>.  
Acesso em: 18 de abril de 2022.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Índice de Vulnerabilidade Juvenil de Belo Horizonte (IVJ-BH)**. 2018b. Disponível em:  
<https://prefeitura.pbh.gov.br/estatisticas-e-indicadores/indice-de-vulnerabilidade-juvenil-de-belo-horizonte>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Prefeito visita obras no Aglomerado Santa Lúcia**. 2017. Disponível em:  
<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/prefeito-visita-obras-no-aglomerado-santa-lucia>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Reestruturação urbanística começa pelo planejamento integrado**. 2021. Disponível em:  
<https://prefeitura.pbh.gov.br/urbel/pge-planejamento>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

SABBAG, G. M.; KUHNEN, A.; VIEIRA, M. L. A mobilidade independente da criança em centros urbanos. **Interações**, v. 16, n. 2, p. 433–440, 2015.

STOKOLS, D. Establishing and maintaining healthy environments: Toward a social ecology of health promotion. **American Psychologist**, v. 47, n. 1, p. 6–22, 1992.

TONUCCI, F. **O direito de brincar**: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. *Práxis Educacional*, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 234–257, 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i40.6897. Disponível em:  
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6897>. Acesso em: 10 ago. 2021.

URBEL – Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte. **Diagnóstico Plano Global Específico Santa Lúcia Belo Horizonte**, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2002.

WHITZMAN, C.; MIZRACHI, D. Creating Child-Friendly High-Rise Environments: Beyond Wastelands and Glasshouses. **Urban Policy and Research**, v. 30, n. 3, p. 233–249, 2012.

WHO (2014). **Basic documents** (48th ed.). Geneva: World Health Organization.

YOGMAN, M. *et al.* The Power of Play: A Pediatric Role in Enhancing Development in Young Children. **Pediatrics**, v.142, n.3, e20182058, 2018.